

As relações de produção na Porto Alegre rural da segunda metade do século XIX:
Estudo de uma unidade habitacional do morro Santana

Diogo Menezes Costa

O objeto de pesquisa desta pesquisa são os tipos de relações estabelecidas no ambiente da atividade produtiva, de acordo com a propriedade ou não dos meios de produção. Principal divisor entre as classes, esta propriedade confere características aos diversos grupos que formam a sociedade.

Através da análise primordial dos vestígios materiais recuperados por escavações arqueológicas de uma unidade habitacional, pretendeu-se a interpretação dos tipos de relações de produção presentes nesta unidade. Portanto foi utilizada uma metodologia de análise adequada para este estudo, como também de informações obtidas em fontes documentais.

A área em estudo corresponde à zona rural em torno do centro urbano de Porto Alegre, tendo como principal referência o espaço do Morro Santana, local onde se encontra a unidade habitacional estudada. O período de tempo delimitado é a segunda metade do século XIX e início do século XX. Além de corresponder com os anos de maior ocupação do sítio, conforme os vestígios materiais, este período também é palco de diversas transformações ocorridas tanto nos meios de produção como nas relações de produção presentes na época.

A zona rural de Porto Alegre na segunda metade do século XIX é pouco estudada sob o ponto de vista das relações de produção. Assim, como objetivo central este trabalho pretende-se compreender quais os tipos de relações presentes durante as atividades produtivas no meio rural e seus reflexos. Caracterizando os tipos de relações de produção no meio rural, compreendendo a forma como estas relações afetam os diversos integrantes presentes no processo e refletir sobre os reflexos e ações tomadas por estes integrantes junto às relações de produção.

Em janeiro de 1998 foi escavada uma unidade arqueológica localizada ao pé do Morro Santana, Vila Santa Isabel, área fronteira entre os municípios de Viamão e Porto Alegre.

Primeiramente foi identificado uma estrutura de pedras, que após pesquisas foi constatado que correspondia às fundações de uma casa com 62 m². A função de moradia é sugerida pela presença de itens domésticos de uso cotidiano no interior e exterior da estrutura, bem como fragmentos de janelas de vidro. Infere-se que o piso era de chão batido, tendo em vista a ausência de marcas de esteios para sustentação do piso de madeira e de entradas de ar para arejamento do porão. Os dados coletados apontam para uma residência de pequenas dimensões, com paredes construídas de tijolos, com cobertura de telhas capa e canal e janelas de vidro.

Foram recuperados fragmentos de ossos (restos alimentares) e artefatos ligados a saúde, vestimenta, armaria, numismática, cozinha, trabalho e ornamentos. O material confeccionado em louça e vidro recuperados através da coleta superficial e escavação possibilitou a obtenção do período de acumulação da amostra, indicando o intervalo de ocupação mais intenso da unidade habitacional.

A datação dos artefatos de louça forneceu um intervalo entre 1820 e 1885. A datação dos objetos de vidro ampliou o período em dezoito anos, situando-se entre 1850 e 1903. Sendo assim, considerando uma ocupação contínua da unidade doméstica e que quinze tipos decorativos de louça dentre as consideradas para datação continuaram a ser produzidas até, pelo menos 1900, estabeleceu-se o período de ocupação considerando o ano inicial a partir da louça (1820) e o final a partir do vidro, somando-se mais dez anos (1913).

Os atributos considerados para a indicação do período de ocupação da unidade habitacional, das categorias de materiais citadas (louça e vidro), foram as técnicas de confecção e decorativas, tipos de decorações, marcas de fabricantes e cores. Certos itens de metal também vem corroborar o intervalo apontado: uma moeda de 100 réis de 1885; cravos com cabeça cortada à máquina produzidos a partir de 1870 e pregos cuja utilização na construção iniciou em 1890.

Na esfera da mesa e da cozinha mesclam-se de forma integrada, diversos itens de uso doméstico e cotidiano: louça de mesa e de chá, recipientes cerâmicos para preparar, armazenar e/ou servir alimentos, facas, copos de vidro, panelas de ferro, garrafas de vidro para conter vinho, licor (ou rum) e bebida gaseificada, garrafas de genebra (água ardente), pote de vidro para armazenar alimentos. Há a provável vinculação de alguns objetos a práticas ligadas a socialização, lazer e outras atividades, como louças de chá, garrafas de bebidas alcólicas e instrumentos de corte.

Dentre as categorias de material arqueológico, a louça encontra-se em segundo lugar, representando 26% da amostra. Nesta categoria incluem-se a faiança fina, o ironstone e a porcelana. A maior quantidade de peças foi de faiança fina branca, com ausência de decoração, compondo a maior variedade de formas, este tipo de louça também se caracteriza por ser mais barata e de uso cotidiano no séc. XIX. Esta louça é seguida da decorada pelo padrão Shell Edged que compreende quinze pratos e uma travessa, para este tipo deve ser considerado o longo período de sua produção, iniciada em 1775. Em terceiro lugar encontra-se a louça decorada com padrão Willow, das louças que receberam decoração pela técnica do transfer printing, era a de preço mais acessível. Em contraste, ocorrem somente três pratos com outras decorações produzidas por esta técnica nas cores de marrom, azul e verde, com períodos bem definidos. Estas peças avulsas poderiam ter um uso específico (utilitário e decorativo) e sua origem poderia ser por compra ou presente. Relacionado à louça para consumo de chá, foram recuperadas peças de diferentes decorações e com baixa representatividade. As exceções ocorrem na louça branca e na decorada com a técnica carimbada.

Utilizando um inventário de Guilherme Homann, de 1877, referente às avaliações de peças de louças, aponta-se o seguinte: as louças mais baratas apresentadas eram a branca e a decorada pelo padrão Shell Edged, com pratos avaliados entre 83\$00 e 100\$00 réis, para a primeira, e 72\$00 réis para a segunda; seguida da decorada com o padrão Willow (um prato custava em torno de 150\$00 e 166\$00 réis), sendo louça mais cara com decoração azul borrão. Um prato de Ironstone equivalia a 200\$00 réis e uma xícara de porcelana a 500\$00 réis. Estes dados dão uma idéia quanto aos preços de mercado na segunda

metade do século XIX em Porto Alegre, assemelhando-se às avaliações destas louças nos EUA, na primeira metade do século. Com relação à porcelana na amostra, esta ocorreu com baixíssima incidência, representada por duas xícaras e dois pires, cuja datação remonta ao século XIX. Quanto ao Ironstone, este encontrava-se em maior quantidade e relacionado ao consumo do chá, quase na mesma proporção que a louça branca. A sua utilização, porém, deve ser em um período mais recente de ocupação da unidade habitacional. Isto porque seu pico de produção ocorreu entre 1870 e 1890.

Na esfera do trabalho, os objetos remetem ao seu uso em atividades de produção rural. No interior da estrutura foram encontrados um foiçado, uma grosa, argolas e elos de corrente, além de uma faca grande com extremidade pontiaguda, relacionada aos meios de produção, segundo Pesavento (1980). Peças relacionadas à montaria, como ferraduras, conjunto de freios e elemento de arreio apontam para a importância de cavalos para esta unidade. Estas peças foram recuperadas junto às paredes externas da moradia, mostrando uma certa divisão entre os espaços trabalho/moradia. Entre o material metálico, excetuando o construtivo, relacionado ao trabalho compõe a maioria, representando 43% da amostra, seguido pelo ligado à cozinha e mesa, com 32%.

O consumo de remédios está representado por frascos de vidro que poderiam conter líquidos e pílulas, como os de boca largas e tampas de rosca. Dentre estes frascos, alguns podem ser relacionados à perfumaria. A maior parte dos fragmentos de frascos medicinais e de perfumaria foram recuperados no interior da estrutura. Dentro da amostra de material vítreo, excetuando os fragmentos de janelas que compõe a maioria, equivalem-se as porcentagens entre os objetos mencionados acima e as garrafas de vidro para conter bebidas alcólicas, representando cada conjunto 43%. Com relação aos cuidados com o corpo, há na amostra três peças côncavas em Ironstone, provavelmente potes para conter cremes.

Na esfera dos artefatos de uso pessoal, vários outros objetos foram recuperados, como: peça de arma de fogo, moedas, ornamentos, fivelas e botões, dedal, medalhas com motivos religiosos e bolinhas de gude. Um artefato que deve ser ressaltado quanto ao uso pessoal é um fragmento de recipiente de grés, muito

utilizado como tinteiro no século XIX, que infere haver uma ou mais pessoas alfabetizadas na unidade habitacional.

O principal conceito abordado neste trabalho é o de relação de produção, parte importante da vertente historiográfica conhecida como materialismo histórico. Este referencial teórico-metodológico tem por base uma concepção marxista que, privilegia uma abordagem econômica das diversas classes que compõem a sociedade.

Como ferramenta de análise principal para as evidências materiais, foi utilizado a corrente teórica denominada arqueologia marxista (Fournie, 1985).

Através da análise dos restos materiais, foi identificado que o sítio em questão tratava-se de uma unidade habitacional da segunda metade do século XIX, possuidor de zonas distintivas entre a esfera do trabalho e domiciliar.

Os vestígios materiais exumados nos remetem a um grupo sem muitas posses já que a quantidade de louça ordinária utilizada na mesa ou mesmo a louça de Ironstone utilizada no chá eram relativamente baratas. Tratando-se de uma utilização mais funcional do que para ostentação de algum status sócio-econômico. Os instrumentos encontrados, por sua vez, remetem a um processo produtivo que incluía a agricultura como atividade produtiva.

Outra característica relevante para determinarmos a que camada social este grupo pertencia, é que, o terreno onde encontra-se o sítio escavado ainda preserva as mesmas características desde o século XIX. Tratando-se de um terreno que entre 1918 e 1988 permaneceu com 385.893 m², passando por vários proprietários sendo desmembrado em 1988, em duas áreas. O que permite inferir que esta unidade habitacional e o grupo que nela residia estava ligada ao terreno circundante, sendo proprietária ou não do seu meio de produção. Por sua vez o terreno nestas dimensões poderia comportar vários tipos de processos produtivos. Podemos encontrar basicamente dois tipos de processos produtivos relacionados a área rural de Porto Alegre na segunda metade do século XIX. As estâncias, onde a produção primordial é a criação de gado, este direcionado para a venda. Nestas estâncias encontramos dois tipos de relações de produção, a escravista entre o escravo e o proprietário e a assalariada entre o trabalhador livre e o patrão. E as chácaras, onde o produto é diversificado na sua maioria

hortifrutgrangeiros. são direcionados primariamente para o consumo interno e posteriormente para o comércio. Nestas chácaras a relação de produção se dá pela economia de subsistência, ou reprodução simples do capital. A inserção numa economia maior ocorre de forma esporádica e não como objetivo maior.

Através da interpretação dos vestígios materiais desta unidade habitacional podemos inferir que o grupo residente estava vinculado de alguma forma com seu meio de produção. Apresentando uma condição sócio-econômica intermediária, representada por sua tralha doméstica, este grupo pode ser caracterizado como transitório entre as diversas camadas sociais que compunham a Porto Alegre oitocentista. Pois como era comum na Porto Alegre rural do século XIX, as relações de produção não se davam de forma totalmente distintas, por vezes combinando uma ou mais formas de relações.

Referências Bibliográfica

DREYS, Nicolau. Notícia descritiva de Província do Rio-Grande de São Pedro do Sul. Bibliotheca Rio-Grandense. Rio Grande. 1927.

PESAVENTO, Sandra J. História do Rio Grande do Sul. Mercado Aberto. Porto Alegre. 1993.

PESAVENTO, Sandra J. RS: A economia & o poder nos anos 30. Mercado Aberto. Porto Alegre. 1980.

MACEDO, Francisco R. de. História de Porto Alegre. Ed. da Universidade. Porto Alegre. 1993.

MACEDO, Francisco R. de. Porto Alegre, história e vida da cidade. Ed. da Universidade. Porto Alegre. 1973.

OLIVEIRA, Clóvis S. de. Porto Alegre: a cidade e sua formação. Ed. Gráfica Metrópole S.A. 1993.

PMPA. Memória dos bairros: Morro Santana. Ed. Porto Alegre. Porto Alegre. 1999.

ZARANKIN, André. et al.. Sed Non Satiata: Teoria social en la arqueologia latinoamericana contepôranea. Ed. del Tridente. Buenos Aires. 1999.

SHERMAN, Howard J. HUNT, E. K. História do Pensamento econômico. Ed. Vozes. Petrópolis. 1982.

FOURNIER, Patrícia. Tendências de consumo en México durante los períodos Colonial e Independiente. In Approaches to the Historical Archaeology of México, Central e South America. Univ. of California. Los Angeles. 1997.

LIMA, Tânia Andrade. et al.. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, Séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. Anais do Museu Paulista. 1993.

LIMA, Tânia Andrade. et al.. Aplicação da Fórmula South a sítios históricos do século XIX. Dédalo, n.27. São Paulo. 1989.

HODDER, Ian. Interpretación en arqueología: corrientes actuales. Ed. Crítica. Barcelona. 1988.